



NATUREZA INTERPRETADA, MEMÓRIA RESSIGNIFICADA NA OBRA MARCHAS E COMBATES.

RÚBIA MICHELINE MOREIRA CAVALCANTI*¹

O livro *A Coluna Prestes: marchas e combates*, escrito pelo membro e ex-secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, é um esboço completo das investidas dos prestistas ao percorrer o país na década de 1920. Trata-se de uma obra bastante elucidativa para quem deseja conhecer a ideologia prestista contra as forças legalistas do governo de Artur Bernardes, então presidente. Nele, o autor é reconduzido pelos meandros da sua memória para registrar com brilhantismo as façanhas dos integrantes da Coluna Prestes no interior do país. Nessa proposta, a obra é lida procurando compreender através dos registros e das narrativas do autor, as experiências que estes tiveram em relação à natureza no espaço hoje entendido como região Nordeste, onde se procura realçar as surpresas e dificuldades dos prestistas em relação à natureza e sua diversidade de biotas como é descrito pelo autor no livro. Assim, o esforço consiste em compreender como o autor no ato de lembrar as experiências prestistas, frente à natureza do Nordeste permite-nos entender e, claro, ressignificar os discursos produzidos pelas elites do século XIX e XX sobre a natureza desta região como um recurso ideológico e político que justificassem seus propósitos. De modo que se forja um estereótipo sobre a natureza do Nordeste, onde esta é representada e subordinada a interesses os mais diversos principalmente como estímulos para legitimar o discurso político no sentido tornar eficazes os seus interesses. Nesse sentido, considera-se o que diz Alessandro Portelli (1998) “a elaboração da memória e o ato de lembrar são sempre individuais”.

PALAVRAS CHAVE: Coluna Prestes, Memória, Natureza

ABSTRACT

The book *The Prestes Column: marches and battles*, written by a member and former secretary of the Prestes Column, Lourenço Moreira Lima, is a complete outline of the investees prestistas to tour the country in the 1920s. It is a work quite informative for those who want to know the ideology prestista against loyalist forces of the government of Artur Bernardes, then president. In it he is reappointed by the intricacies of his memory to record brilliantly exploits of the members of the Prestes Column within the country. In this proposal, the work is trying to understand read through the records and accounts of the author, the experiences they have had in relation to nature in space today understood as the Northeast, which aims to highlight the difficulties and surprises of prestistas regarding the nature and its diversity of biota as described by the author in the book. Thus, the effort is to understand how the author in the act of remembering experiences prestistas, opposite the nature of the Northeast allows us to understand and, of course, to reframe the discourse produced by the elites of the nineteenth and twentieth century about the nature of this region as a resource

*Professora Mestra, Adjunta do Curso de História da Universidade Regional do Cariri- Urca.

ideological and political to justify their purposes. So that forges a stereotype about the nature of the Northeast, where it is represented and subject to very diverse interests primarily as stimuli to legitimate political discourse in order to make effective their interests. In this sense, it is what it says Alessandro Portelli (1998) "the development of memory and the act of remembering are always individual."

KEYWORDS: Prestes Column, Memory, Nature

Procurando situar historicamente e geograficamente a estadia dos prestistas em terras alencalinas, Pe. Geraldo Oliveira Lima no Livro *Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará* (s/d; p.343) escreveu:

Sob o aspecto físico-ambiental, a Grande Marcha não se omitiu por completo na transcrição geográfica das regiões que atravessou no Ceará. Na travessia do solo cearense, a preocupação com o relato topográfico e a ambiência do ecúmeno, não ficaram por menos em relação aos outros estados. A Coluna sentiu, sofreu e explicou a climatologia da gleba cearense em transe.

A *Coluna Prestes Marchas e Combates*² é talvez uma das maiores referências para o pesquisador que desejar conduzir qualquer que seja a análise sobre a incursão prestista pelo interior do país nos anos vinte do século passado. Neste livro o autor, procurou registrar as façanhas dos integrantes da Coluna Prestes por onde passava.

Além de registrar os intermináveis confrontos que tiveram de enfrentar fosse com as tropas legalistas do então presidente Artur Bernardes, fosse com homens afeitos ao discurso oficial propalado contra os ideais da Coluna, Moreira Lima também conduziu sua narrativa descrevendo outro grande desafio que se colocou á frente dos incursionistas prestistas. Tratava-se de outro elemento que as tropas prestistas tiveram de enfrentar, ora como amigo, ora como inimigo: a natureza, que tanto era utilizada em favor dos integrantes da Coluna para desviarem-se das tropas bernadescas, evitando assim, e sempre que possível o confronto

² Trata-se do livro escrito pelo oficial e secretário da Coluna Prestes, Lourenço Moreira Lima, que transformou o seu diário da Campanha Prestista durante sua incursão pelo interior do País nos anos de 1924 a 1926 numa das grandes referências sobre a Coluna Prestes, cuja 1ª edição data de 1934.

direto com as tropas legalistas, como também muitas vezes servia de obstáculo à permanência destes em determinados lugares, haja vista, os percalços que lhes eram colocados pela diversidade de biomas e biotas de cada região, de cada estado.

Segundo nos informa texto de Padre Geraldo, ao adentrar em terras desconhecidas os QGs, buscavam colher informações sobre estradas e atalhos possíveis. Esta era uma das preocupações dos comandantes de cada destacamento da Coluna, buscar formas de se sobressaírem às investidas do inimigo, para tanto, a natureza poderia sim, tanto servir como grande aliadas aos planos prestistas, ou não. Conforme se vê a partir do que escreveu Lima (1946, p. 339), quando atravessava a ladeira dos Miuns em direção ao Piauí. Diz o autor:

Aquela serra ergue-se abruptamente do lado do Ceará, com uma grande altitude. A ladeira dos Miuns galga pela encosta da montanha em zigue-zagues terríveis, um verdadeiro trilho de cabras silvestres, coberta de pedras soltas de todos os tamanhos e por entre penedos ponteagudos, dando passagem tão-somente(sic) a um homem.

É um caminho fantástico e selvagem.

Urgia atingirmos quanto antes o cimo da serra a fim de evitar que as tropas inimigas do Rio Grande do Norte ocupassem as alturas, que são pontos magníficos para a defensiva.

Marchávamos um a um, levando os animais pelas rédeas, parando, de vez em quando, para levantar um cargueiro que caíra, sendo muitas vezes forçados a descarregá-los novamente.

E padiolas eram conduzidas a mão pelos padioleiros porque as numerosas e apertadas curvas da estrada não permitiam a sua passagem nas costas das bestas.

As pontas de granito nos feriam os corpos e as nossas mãos se rasgavam de encontro aos rochedos, quando procurávamos um apoio na escuridão daquela noite infernal...

Quando cheguei ao cimo da montanha, estaquei maravilhado, ao olhar a amplidão povoada de astros que cintilavam com esplendor fantástico, como milhares de gemas diamantinas que um estranho semeador de estrelas houvesse semeado na face daquele céu recurvo sobre os sertões.

Sobre o Ceará, o autor registrou também algumas de suas impressões, ao atravessar os altiplanos dos Inhamuns. Nas palavras de padre Geraldo, Moreira Lima se refere a uma região que “*transpõe o jucá e as nascentes do Jaguaribe, este último formado pelos véus d’águas dos Trici e Carrapateira. Contorna a Serra da Joanhina, um contraforte da Cordilheira da Ibiapaba, e marco divisor da formação d’águas dos rios Jaguaribe e Poty. A vegetação rarefeita e de caatingas abertas com representações xerófitas, onde palpitam mandacarus de senho sisudo, favelas traiçoeiras e cactos (coroa-de-frade) povoando lajedos indescritíveis*”.

Assim, a natureza no Ceará é descrita nos registros do autor de Marchas e Combates:

*Esse trecho do território cearense é árido e seco. (...)
Quem penetra nos sertões cearenses, no estio, experimenta a sensação de ter entrado numa fornalha acesa. Os dias se sucedem com uma claridade de aço lampejante.
A reverberação da luz nas areias derrama-se pelas estradas numa plethora de incêndios.
A ventania turbilhonava pelos caminhos em rajadas ardentes, que nos queimavam o rosto como se transpusessemos uma vasta fogueira.
E no alto, brilhando como uma grande brasa branca, engastada no azul profundo daquele céu sem nuvens, fulgia (sic) o disco incandescente do sol, num esplendor fecundo de beleza e de força...*

Ao fazer uso dessa narrativa histórica, que é traduzida pela imagem verbal descrita pelo cronista e secretário da Coluna Prestes, envolvendo as paisagens naturais do Ceará, bem como de outras regiões do país por onde trilhou a Coluna, é sem dúvida um exercício que se permite, ao fazer dessas construções interpretativas do autor acerca da natureza, ou antes, como este relato de experiência transcende o texto num jogo de linguagens que remete o leitor a uma dimensão histórica da realidade do texto, partindo da experiência vivida pelo autor.

Nesse sentido, o que se pode conjecturar a partir da narrativa de Moreira Lima, são construções discursivas e representações acerca da natureza no Ceará a partir do que ele escreveu.

Aqui, esta obra será pensada especialmente enquanto um relato de viagem³ cuja particularidade se apresenta pelas experiências vividas e narradas pelo próprio autor, o que torna espetacular a condução da leitura. Afinal de contas, ao pensar esta possibilidade de leitura a partir das narrativas que seguem o texto de Moreira Lima, compreende-se que estaremos partindo do entendimento do próprio conceito de literatura de viagem que segundo RODRIGUES (2013, p.8) isto se deve em função de que,

Este conceito “literatura de viagem” é complexo e divide opiniões, pois se trata de uma classificação recente, que busca incorporar de maneira autônoma um universo literário (e também cartográfico e iconográfico) constituído por um corpus de textos, cujas balizas cronológicas se situam entre o século XV e o XIX e cuja natureza é interdisciplinar, englobando a antropologia, a geografia e a história.

Nesta proposta, o livro *A Coluna Prestes Marchas e Combates*, é pensada sob essa perspectiva, uma vez que o texto narra as experiências do autor com a natureza, tornando concreta sua relação com o meio natural de uma região, que até então se construía a partir de

³ Segundo escreve RODRIGUES, André Figueiredo (e outros) no livro *Literaturas de Viagem* (2013, p.7) “Os relatos de viagem, essa forma de literatura que transforma o autor em testemunha e o leitor em cúmplice, mais do que expressões de um gênero literário, são entendidos aqui como instrumentos de percepção de um mundo sobre si mesmo, com uma multiplicidade de referências internas que se relacionam com outras formas de expressão das sociedades nas quais se originaram”

uma interpretação cultural traduzida numa “identidade forjada” a partir de representações sobre a natureza nesta parte do país, hoje nomeada de Nordeste. Sobre esta questão, logo que a redação permita, se fará alguns questionamentos, especialmente sobre as representações que tinham os integrantes da Coluna Prestes sobre a natureza nesta parte do país.

Mesmo considerando a capacidade criadora de cronistas, viajantes, nesta análise a intenção é buscar historicizar os fatos que envolvem a natureza a partir dos relatos de Moreira Lima, afinal, como escreve COSTA LIMA (2006, p.21) ao “*dedicar-se á pensar a relação entre história, ficção e literatura. Diferencia o discurso histórico do ficcional por este não postular uma verdade mas sim, pô-la entre parênteses*”

Entre os vários acontecimentos que sublinham as narrativas do autor sobre a epopeia dos prestistas envolvendo a natureza como coadjuvante, merece mencionar um fato inusitado, e por que não dizer engraçado quando estes penetraram em terras cearenses, que teria marcado as lembranças do autor. Trata-se do surto de sarna que acometeu o destacamento de João Alberto, relembra o autor:

*Saímos da Villa Pio IX, onde sesteamos, pelas oito horas da noite de 22, e uma légua adiante entramos no Ceará, indo acampar na Fazenda Caracol.
Quando acampávamos, parecíamos um grande bando de macacos, pois não parávamos de nos coçar.
E como não houvesse remédio para combater essa praga e existisse certa quantidade de injeções, resolvemos utilizá-la...*

Conforme se compreende a partir de trechos retirados do diário de Lourenço Moreira Lima (1946), os integrantes da Coluna Prestes tiveram que redimensionar algumas de suas intenções diante de um recurso tão imprevisível quanto a natureza, de modo que também tiveram que superar outro desafio foi “*perceber a natureza como uma construção cultural*“, conforme KLANOVICZ(2007,p.45) que diz,

*O ato de descrever e nomear o mundo circundante implica em tecer escolhas e o produto cultural resultante desse ato é interessante para a história ambiental tanto pelo que declara, como pelo que omite...
De modo que o ambiente é instrumento para qualificar os tipos de experiências que as sociedades puderam criar sobre a natureza*

São muitos os ensaios que relatam experiências de cronistas e viajantes Brasil afora, este tipo de literatura por vezes apresentam também, maneiras como estes ensaístas em contato com determinadas situações com o meio natural procuraram modificar estes ambientes hostis á sua permanência, o que não foi diferente com os prestistas. Sobre esta questão escreveu DRUMMOND (1991, p.193)

Entre os “ensaístas”, especialmente Euclides da Cunha (1986) e Oliveira Viana (1987), encontraram exemplos de abordagem mais unilaterais, mais ainda influentes das relações entre natureza e sociedade. Cunha e Viana, bem à moda dos determinismos biológicos e geográficos do fim do século XIX, enfatizaram as restrições criadas pelos ecossistemas e paisagens, mas raramente se ocupam de como as sociedades humanas modificam mesmo os ambientes mais hostis para seus fins. Ou seja, eles se concentram na dimensão daquilo que o meio natural “faz” com os humanos, e deixam de lado o que as “leituras” humanas do meio podem representar em termos de ação cultural de modificação do meio natural.

No Brasil este tipo de fonte, relatos de viagem, remonta desde o período colonial, experiência importada pelos colonizadores que já se permitiam traduzir seus diários de viagem em documentos oficiais.

Não se deve esquecer que cronistas e viajantes portugueses, alemães, franceses⁴ registraram suas experiências a partir das interações com a natureza aqui no Brasil, mesmo que nestas primeiras impressões sobre a natureza tenham ficadas registradas questões que RODRIGUES (2013) analisa no seu texto dizendo que,

Os textos de viagens sobre o Brasil, mesmo que em séculos e provenientes de olhares estrangeiros diferentes, relevam tópicos idênticos na apreensão do mundo natural e do homem, e que uma percepção de natureza feita pelo deslumbramento do olhar, pela estética, surpresa ou medo, mas que, na sua formulação verbal, apresenta-se condicionado pelas expressões de realidades culturais próximas e familiares, que fundamentam constantes pontos de comparação entre o novo e o conhecido.

Assim, as narrativas de Moreira Lima nas várias descrições que faz sobre a natureza, nos permite compreender que a relação homem e natureza e sociedade, envolvendo a experiência prestista, em muitos momentos assumiu um significado bastante controverso. Visto que devemos considerar, que especialmente os integrantes da Coluna que em sua formação inicial, quando saíram do Rio Grande do Sul, em 1923, e São Paulo, em 1924, rumaram em direção ao Nordeste do país, arrastando consigo uma imensa carga de representações acerca da natureza nesta parte do país. Na verdade, percorrer o Nordeste passou a fazer parte dos planos prestistas por se tratar de uma região em que, “*As forças regionais, estaduais, privadas caracterizavam, assim, a tradição oligárquica, o poder do latifúndio, a força do atraso o sentido conformista limitado regional...*” (SODRÉ, 1968, pp. 213-214)

Além disso, esta região sofria com os reveses imposto ao homem pelo meio ambiente, somando-se á isto as articulações entre a política oligárquica local com a política nacional, motivos que teriam conduzido os prestistas a se deslocarem para esta parte do país.

Assim, posto, considera-se que o texto de Moreira Lima, logo se permite dialogar com outras fontes de investigação acerca da historiografia cearense, particularizado principalmente

⁴ Sobre eles, lê RODRIGUES (e outros), 2013, p.12

pelas sucessivas narrativas que o autor faz descrevendo a natureza dessa região. Afinal, compreende-se narrativas a partir do que escreveu DELGADO (2006, p.43) “*As narrativas, tais quais os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão de heranças identitárias e tradições*” ou ainda como diz Costa e Botelho (2001): *modos de traduzir o social*.

Como bem diz Delgado (2006) “*Narrativa, sujeitos, memória, história e identidades. É a humanidade em movimento. São olhares que permeiam tempos heterogêneos. É a História em construção. São memórias que falam*”. De modo que são estas possibilidades de pesquisa que nos leva á entender as potencialidades que se apresentam nesta perspectiva de ler Marchas e Combates, com vistas a produzir a partir desta narrativa um saber historiográfico que permita compreender, inclusive os discursos que se forjam tomando a natureza como referência nesta parte do país, por onde trilhou os prestistas.

Não menos importante, é entender os discursos que se construíram a partir da interação do homem com a natureza, neste caso, a relação que os integrantes da Coluna Prestes mantiveram com um ambiente, para ele tão inóspito, carregado de símbolos e representações, cujo entendimento a priori tratava-se de uma natureza implacável, que vitimava os que com ela se relacionavam. Era este o discurso que ouvira e traduzia os mais vis desejos dos coronéis, dispostos á utilizá-la em seu favor e benefício.

Constituindo como uma dinâmica em potencial para a produção de novas interpretações acerca da natureza, as narrativas de Moreira Lima podem como diz Lucila Delgado (2006, p.43) “*incorporar dimensões sociais, simbólicas e imaginárias ... Conclui: As narrativas tem a potencialidade de fazer viajar o ouvinte através da viagem narrada.*”

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1998.

_____. *O mundo como representações*. Estudos Avançados, nº 11(5), São Paulo, 1991.

DELGADO, Lucila de Almeida Neves. *História oral, tempo, identidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DRUMMOND, José Augusto. *A História Ambiental: temas, fontes e linhas de pesquisa*. Revista: Estudos Históricos: História e Natureza. Nº 8, 1991, p.193.

LIMA, Luiz Costa. *História. Ficção. Literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LIMA, Lourenço Moreira. *A Coluna Prestes Marchas e Combates*. 3ª Ed., São Paulo: Alfa-Ômega, 1979.

LIMA, Padre Geraldo. *Marcha da Coluna Prestes Através do Ceará*. Rio de Janeiro(s/d) . Composto e Impresso nas Oficinas de Artes Gráficas.

NUNES, Diogo Cesar. *História Linguagem e Literatura. Dilemas e Perspectivas da Historiografia Contemporânea*. Revista Crítica Histórica, Ano I, nº 2,2010.

KLANOVICZ, Jó. *Natureza corrigida: uma história ambiental dos pomares de macieira no Sul do Brasil*. Tese de Doutorado(UFSC , 09/02/2007)

PESAVENTO, Sandra Jathay. *História & História Cultural*. 2ª Ed., Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

RODRIGUES, André Figueiredo; AGUIAR, José Otávio; SILVA, Wilton Carlos Lima(ORG.).*Literaturas de Viagem: Fauna, flora e etnografia brasileira*. São Paulo: Humanitas, 2003.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Tomo III. Campinas : Papyrus, 1997.

SALES, Jean Rodrigues;FREITAG, Liliane; FILHO, Milton Stanczyk. *Região: Espaço, Linguagem e Poder*.São Paulo: Alameda, 2010.

SCHAMA, Simon. *Paisagem e memória*. Trad. Hildegar Fest.. São Paulo: Companhia das Letras,1996.

SODRÉ, Néelson Werneck. *História Militar do Brasil*. 2ª Ed., Rio de Janeiro: Civilização, 1968.

